

# Totem e Tabu: um contraponto cultural às *errâncias* do sexual

Artigo

Luis Carlos Menezes

Psiquiatra e Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Analista Didata SBPSP.

**Resumo:** O autor toma como ponto de partida a descoberta freudiana de que o sexual no ser humano é *a priori* indeterminado em suas modalidades e seus objetos, abrindo-se desde o início para relações de natureza incestuosa no âmbito familiar ou mais próximo. Daí a referência indispensável da instituição da proibição do incesto como função organizadora primordial do sexual, pela elaboração do complexo de Édipo que gravita em torno da questão da castração. A estruturação psíquica que daí resulta leva à constituição das identificações sexuadas, das orientações sexuais e dos ideais do eu. O personagem de um filme recente que deseja *ser mulher*, embora seus desejos sexuais e amorosos estejam voltados para mulheres, é objeto de discussão, com base na concepção tardia de Lacan, do *sinthome* como saída do complexo de Édipo.

**Palavras-chave:** Complexo de Édipo. Identificação sexual. Sexual. Sinthome.

Esta obra tenta cernir as restrições que operem ao mesmo tempo como referências para um sexual descoberto como condição da vida psíquica, mas que tende a transbordá-la por sua natureza errática, incerta (FREUD, 1913). Os tabus descritos pelos etnólogos da época parecem convergir todos para o horror de qualquer contato, mesmo que apenas visual ou de simples ditos, que pudesse representar o início de uma aproximação corporal portadora da tentação de posse sexual, ou assassina, do outro. Num mundo em que as pulsões pareciam estar à flor da pele – carecendo de recalque – e podendo levar à busca de satisfação de um modo imediato.

A coligação fraterna inaugural da cultura – religião, moral e vínculo social – corresponde à instauração de um ordenamento grupal, baseado na contenção de cada um pelos demais, desde que potencializada pela força de um pacto impositivo de renúncia, garantida pelo poder simbólico das instituições criadas em torno da religião originária, a religião totêmica.

Este momento inaugural da epopeia humana teria sido propiciador de uma certa *interiorização* da vida pulsional e, portanto, dos atos de cada um em sua história



peçoal, já que o seu motor seria não só a idealização nostálgica do pai que-tudo-podia, mas, principalmente, a aptidão ao sentimento de culpa em cada um de seus membros. Estes passam a viver como responsáveis por seus atos perante o clã totêmico a que pertencem, e o clã ajuda cada um deles a vencer a culpa, por meio de rituais de purificação culturalmente estabelecidos. Sem isto, ele teria que se haver diretamente com a culpa, sem mediações, tomado pelo terror de ações retaliatórias, terror que chegaria a causar a sua morte, a julgar por relatos retomados por Freud. O trabalho da cultura, em seus primórdios, teria não só criado um sistema repressivo e exigido renúncias, como também teria inventado formas socialmente aceitáveis para a canalização das pulsões contidas, e para dar conta da culpa associada às transgressões e aos ideais grupais do totemismo. Sem esquecer, por outro lado, da prática entre eles de um sistema penal impiedoso e eficiente.

Sabemos que a peça central do sistema de interdições como tabus, na cultura totêmica, era a proibição das relações sexuais incestuosas dentro de cada clã, um interdito indispensável para a constituição de qualquer sistema cultural assim como essencial para o processo de diferenciação psíquica de cada ser humano.

Em ambos os casos, trata-se de garantir que o sujeito irá buscar satisfação para as suas pulsões sexuais numa vida amorosa voltada para fora do clã ou da família a que pertence. Busca exogâmica que garanta contra a tentação de permanecer atrelado psíquicamente aos pais e refém do vínculo erótico-amoroso do incesto originário com a mãe. Esta é uma barreira, com certeza a mais essencial, para as *errâncias* do sexual na vida das pessoas.

O sexual, com efeito, tem o seu primeiro tempo, afirma Freud, na relação com o seio da mãe, este “objeto sexual” (1905, p. 164) com o qual o bebê mantém uma “relação sexual que é a primeira e a mais importante de todas [...]” (Ibid, p. 165). Nela não se pode ignorar a sexualidade da mãe:

As relações da criança com a pessoa que cuida dela é para ela uma fonte contínua de excitação sexual e de satisfação partindo das zonas erógenas, tanto mais que esta – que é, em geral, a mãe – dá à criança sentimentos que provêm de sua própria vida sexual, o acaricia, o beija e o nana, e o toma claramente como substituto de um objeto sexual pleno [...], assim ela desperta a pulsão sexual de seu filho [...], acrescentando que se a mãe compreendesse melhor a grande importância das pulsões no conjunto da vida psíquica, em todas as realizações éticas e psíquicas, ela se pouparia de se recriminar disto (Ibid, p. 166).

“Ela não faz senão cumprir o seu dever quando ela ensina a criança a amar; esta deve, com efeito, tornar-se um ser humano capaz, dotado de uma necessidade

sexual enérgica, e realizar em sua existência tudo aquilo para que a pulsão leva o indivíduo” (FREUD, 1905, p. 166).

Assim Freud descreve, alguns anos antes de *Totem e Tabu*, a gênese, não da interdição cultural, mas da sexualidade humana de um bebê, de uma criancinha. Esta encontrar-se-ia na relação – no início intensamente corpora l- com a mãe, ela própria (a mãe) mobilizada em suas fantasias inconscientes pela relação tão íntima vivida em sua maternidade com a criança. E insiste na grande importância das pulsões – que ali se engendram – para o conjunto da vida psíquica da pessoa que esta criança virá a ser, para o seu apetite pela vida, para o prazer que terá em suas atividades físicas e intelectuais, para o seu sentimento de existir, em suma, para a sua capacidade de desejar e de se sentir existindo.

Na esquematização da problemática edípica feita por Lacan (1957-1958), apoiado em outras referências que vão se constituindo em seu sistema de pensamento, esta é desdobrada em três tempos. A descrição viva e forte de Freud da sedução originária da mãe – sedução, em princípio, para a vida – corresponde ao primeiro tempo.

O depositário da função interditora é o pai, pelo poder que tem sobre a mãe. O pai tal como ele se forma no *après-coup* do crime primevo, e como ele vai sendo constituído socialmente nos desenvolvimentos das culturas humanas. Se este *poder sobre a mãe* tirar a sua força do desejo da mãe pelo pai e da “simbolização primordial entre a criança e a mãe que leva à substituição do pai enquanto símbolo, ou significante, no lugar da mãe”, estaremos no segundo tempo, o da operação de recalçamento fundadora, nomeada metáfora paterna por Lacan (1957-1958, p. 180).

De toda maneira, o que vai se desenhando é o terreno da constituição narcísica do sujeito, dos desafios e incertezas do complexo de Édipo e da constituição da economia desejante do sujeito em relação ao seu corpo sexuado e ao dos objetos de seu desejo. Neste terreno se constroem posições sexuadas e também os ideais que norteiam a vida do sujeito com base em identificações que resultam na diferenciação entre o sexo masculino e o feminino.

Diferenciação esta que resulta de um processo iniciado na infância, o qual atravessa a puberdade e ainda que decisivo para “o modo de vida dos seres humanos”, no dizer de Freud (1905, p. 160), implica em *distinções que não são unívocas para a psicanálise*. Ele afirma, neste sentido, que “é indispensável se dar conta que os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujo conteúdo parece tão pouco ambíguo para a opinião comum, fazem parte das noções as mais confusas do domínio científico [...]” (Ibid, p. 161).

Evoca nesta passagem *pele menos três orientações possíveis*. Uma se baseia na oposição atividade/passividade, que seria uma referência para a psicanálise, mas que, sabemos, o autor considera inadequada em textos posteriores; a outra é a biológica – o sexo anatômico do corpo; e a terceira, que chama de *sociológica*, não parece reter a sua atenção, mas deve corresponder ao imaginário socialmente compartilhado sobre a distinção dos gêneros, de acordo com as épocas e os diferentes meios culturais. Para Freud, a psicanálise visa é o que possa ser pensado no terreno da metapsicologia.

Neste sentido, há um avanço decisivo com a construção da teoria do complexo de Édipo articulado ao complexo de castração que foi possível com base na concepção de uma fase fálica (FREUD, 1923), esta sendo baseada em uma das teorias sexuais infantis anteriormente descritas (FREUD, 1908). Em torno da posse do pênis/falo – mais cobiçado narcisicamente na teorização freudiana que situado como objeto do desejo sexual, Freud descreve as vicissitudes do complexo de Édipo como diferentes nas pessoas de sexo masculino e nas pessoas, anatomicamente, do sexo feminino.

Nestas alturas, portanto, a diferença biológica – ter ou não ter pênis – passa a ter uma incidência significativa nos destinos das identificações e do desejo sexual do sujeito, embora a problemática seja sempre a mesma: como sair do apego incestuoso ao primeiro objeto sexual, que é ele mesmo sujeito de desejo sexual em sua relação com a criança, como formulado tão explicitamente nos Três ensaios. Desejo materno que é retomado adiante na ênfase do que Freud chamou de fase pré-edípica da relação da criança com a mãe na discussão da sexualidade feminina (FREUD, 1931). Neste período, nos anos 1920 e 1930, surgem trabalhos sobre tais questões com extensos relatos clínicos e reflexões metapsicológicas enriquecedoras, escritos principalmente por analistas mulheres, alguns convergentes com as concepções freudianas do complexo de Édipo, outros, mais radicalmente originais como os de Melanie Klein, em cujas abordagens sobre as angústias arcaicas, as questões centrais para Freud referentes ao incesto e ao seu impedimento, perdem importância. O complexo de Édipo, em sua versão de Édipo arcaico, centrado em angústias agressivas de retaliação, qualquer que seja o seu valor clínico, deixa de ter a função estruturante da sexualização e dos ideais do Eu, entendida com fruto da conflitualidade envolvendo o terceiro paterno, entre mãe e criança, no Édipo clássico.

Em seu rigoroso retorno à Freud, nos anos 1950, Lacan volta a centrar o falo na lógica do desejo e, portanto, da relação ao outro. Partindo do falo como objeto do desejo da mãe, ou seja, indicando algo que só um terceiro pode dar a ela, para o seu gozo, confronta a criança com a insuficiência tanto da mãe, como dela, em sua necessidade narcísica primária de ser tudo para a mãe e de ser tudo com a

mãe. No que Lacan descreve como terceiro tempo do complexo de Édipo, em que a criança reconhece que há algo no desejo da mãe que só pode encontrar no pai – o falo, a criança sendo levada por sua vez a se voltar para o pai, num movimento que implica na desistência da pretensão de ser o falo para a mãe, encontra-se o *ferimento narcísico* da castração, tão sublinhado por Freud (1920). O sujeito é deslocado para a condição de procurar ter o falo, sempre a priori não garantido e, desde aí, buscar as satisfações possíveis sustentadas pelas fantasias de desejo, seja em posição masculina, seja em posição feminina, tanto num como noutro sexo biológico.

De toda maneira, neste processo, o sujeito sai do risco psicótico, abrindo-se para uma vida em que há corpos sexuados e os desejos que os animam. O que é um homem ou uma mulher para a psicanálise, o que deseja um homem, o que deseja uma mulher? Se voltarmos aos Três ensaios, encontraremos um Freud tão categórico em recusar as respostas existentes para estas questões, quanto perplexo e tateando no escuro para encontrar outras referências. Ele é levado a proceder a uma revisão radical e surpreendente das ideias sobre a sexuação no ser humano.

Ao contrário da “opinião popular [...] para a qual um ser humano é ou um homem ou uma mulher [...]” (FREUD, 1905, p. 45), o que a psicanálise encontra é bem mais ambíguo. Vejamos – peço-lhes um pouco mais de paciência – no que isto vai dar, antes de tomarmos algumas situações precisas.

Discutindo a sexualidade dos chamados, na época, *invertidos*, em nota de 1920, de homossexuais ou homoeróticos (Ibid, p. 52), Freud afirma que “as ligações de sentimentos libidinais a pessoas do mesmo sexo não desempenham, enquanto fatores da vida psíquica normal, um papel menor que aqueles que se dirigem ao sexo oposto [...]” (Ibid, p. 51). E prossegue:

São antes a independência da escolha de objeto em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor indiferentemente de objetos masculinos e femininos – como se pode observar na infância, nos estados primitivos e nos primeiros tempos da história – que a psicanálise considera como a base original a partir da qual se desenvolvem, por restrição em um sentido ou noutro, tanto o tipo normal quanto o tipo invertido. Do ponto de vista da psicanálise, em consequência, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que requer uma explicação ser esclarecido e não algo evidente [...] (FREUD, 1905, p. 51).

Concluindo, algumas frases adiante, que “a multiplicidade de fatores determinantes se reflete na diversidade das consequências sobre o comportamento sexual manifesto do ser humano” (FREUD, 1905, p. 51). Prolonga esta nota,

com novo acréscimo em 1920, reportando-se a Ferenczi, que faz a distinção entre “homoerotismo de sujeito, que se sente mulher e se comporta como tal, e homoerotismo de objeto que é plenamente viril e que só troca o objeto feminino por um objeto do mesmo sexo” (Ibid, p. 52).

Há, portanto, que distinguir entre *se sentir mulher* e *se sentir homem* e desejar um homem. O personagem do filme (Laurence anyways, 2012) sobre o qual queria discutir com vocês, é um homem que não *se sente mulher* mas tem o desejo de *ser mulher*, embora *não deseje homens* e sim mulheres, ao mesmo tempo que tem horror das características masculinas de seu corpo e aversão por seus genitais. Laurence, o personagem, quer ser uma mulher, embora o seu desejo sexual não esteja voltado para homens; a sua vida amorosa é com mulheres, em particular com Fred, com quem vive um intenso e tumultuado amor.

Mas, antes de voltar a Laurence, quero chamar a atenção, na passagem de Freud que acabo de evocar, para o que ele chama de *base original* (forma original do sexual), também nomeado por ele de *predisposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil*. Esta é a sexualidade não só da criança, mas do que em Freud é o *infantil* e que em seu pensamento coincide, essencialmente, com o inconsciente.

Freud faz assim uma descoberta radicalmente inovadora sobre a natureza do sexual no ser humano, em cuja base há que considerar um *afrouxamento...* “da conexão entre pulsão e objeto” (1905, p. 54), uma vez que “a experiência dos casos considerados como anormais nos ensina que existe neste caso uma solda entre pulsão sexual e objeto sexual, que arriscamos não ver por causa da uniformidade da conformação normal, na qual a pulsão parece carregar nela o objeto”. Mais adiante, no segundo ensaio, ao final da descrição de uma *predisposição perverso polimorfa* na base da sexualidade humana, Freud escreve: “torna-se finalmente impossível não reconhecer na igual predisposição a todas as perversões um traço universalmente humano e original” (Ibid, p. 119).

Note-se que os casos considerados como *anormais* correspondem ao título do primeiro dos Três ensaios, dedicados às Aberrações sexuais. Gribinski (1987), em seu prefácio aos Três ensaios, diz que o termo *Abirrung*, para aberrações, tem um sentido mais nuançado em alemão, e que *não tem o sentido normativo, nem, secundariamente, reprovador que tem em francês [...]*, como em português. É uma palavra que tem o sentido de *errância, perda do caminho, desorientação*, e que *Irre*, do qual deriva, significa *perplexidade*.

Consultei um dicionário alemão-português de bolso e outro alemão-francês. De fato, *abirren*, significa *errar (de errante), perder-se, desviar*, etc. *Abirrung*, *perdido, desviado*, e (somente) no sentido figurado, *aberração*. São termos, deste campo se-

mântico, apropriados para evocar o irredutível descompasso que marca o sexual em relação à vida funcional, lógico-operatória do auto-conservativo, nele residindo a margem incerta em que se movimentam os desejos, as fantasias, os sonhos, em suma, tudo o que há de vivo em nós.

Ante as ambiguidades encontradas pela psicanálise nas sexualidades, seja dos homens seja das mulheres, eu afirmei antes para vermos em que isto ia resultar, na busca da enquete freudiana dos Três ensaios. A meu ver, resulta exatamente nesta *base original*, universal, da perversão polimorfa das pulsões, as quais vão sofrer transformações sublimatórias, recalques, vão engendrar sintomas, sonhos e transferências nas análises como nas religiões, impregnando todas as realizações humanas, estão presentes inclusive, obviamente, nos desejos sexuais e amorosos de cada um. É no complexo de Édipo, de que falamos, que cada um vai encontrar, nestes destinos pulsionais, as suas possibilidades de ser na vida, assim como os seus impasses.

Laurence, aos 35 anos, diz a Fred, a mulher com quem vive, que desde sempre ele quis *ser mulher*. Não se reconhece no corpo e na identidade de *um homem*: isto não sou eu... eu roubei a vida dessa pessoa. De quem, pergunta a mulher: *Da pessoa que eu nasci para ser* (não um homem e sim uma mulher). Num diálogo com a mãe, esta lhe diz que ele se vestia como mulher quando era criança e que ela não o via como filho e sim como filha.

Já com o pai, não há diálogo, pois este aparece inerte numa poltrona assistindo televisão e quando o filho tenta falar com ele, sem desviar o olhar da televisão, o pai lhe diz: *espere o intervalo*.

Pouco antes de falar para a mãe sobre o seu desejo de se tornar mulher, ele pergunta como ela tem passado os dias dela, o que tem feito além do trabalho rotineiro e, diante do vago das respostas, pergunta sobre o que ela faz *com papai*, para ouvir em retorno, *nada de especial*. Ele insiste, perguntando se ela não deseja voltar a pintar.

O filme se estende por um período de dez anos da vida deste homem e o eixo é a sua relação amorosa com Fred, com quem, no começo, já está há dois anos. Visivelmente se entendem bem, mantendo uma cumplicidade amorosa divertida e permeada de erotismo que se mantém intacta ao longo dos dez anos. Ela, passado o susto, decide ajudá-lo nesta busca, a qual ele diz ser tão vital para ele, de *ser mulher*, e compartilha com ele esta metamorfose. Mas as reações de estranhamento social e os incidentes que se sucedem tornam, para ela, insuportável se manter ao lado dele, sem falar que *a mulher* (em quem ele quer tornar-se)

vai ocupando toda a vida entre eles. Acabam se dando conta de *que não têm rido* mais. Ela casa com outro homem e tem um filho com ele.

Laurence, professor de literatura, torna-se um poeta, escritor conhecido. Passa sua vida escrevendo cartas que não envia para Fred, até que anos depois lhe manda um livro seu e eles voltam a ficar juntos por um tempo. Mas acabam se separando. Voltam a ter novo encontro em que à pergunta dela sobre se ele tinha se arrependido, se tinha valido a pena sacrificar a felicidade deles, ele diz: *Eu não me arrependo de levantar de manhã e ver o reflexo no espelho que eu sempre quis ver.*

O que mais me intriga neste personagem é que este *tornar-se mulher* apresente-se a ele como uma necessidade tão premente, tão essencial, a ponto de ser mais importante que uma vida amorosa na qual estava intensamente envolvido, motivo de felicidade para ele, sem falar nos prejuízos que trouxe para a sua vida profissional – era professor de literatura, fora demitido ficando sem nada, além da rejeição social a que é exposto quando se apresenta em público travestido.

Intrigado, mas sem resposta, a ideia de *sinthome*, desenvolvida por Lacan no seminário de 1974-1975, pareceu-me como um ponto de partida possível. Encontrei apoio no livro de Morel (2008), analista que em um certo número de casos seus encontrou neste desenvolvimento de Lacan um recurso mais efetivo para pensá-los, do que no modelo anterior da metáfora paterna, em que intervém o que o autor chamou de Nome do Pai como um significante *transcendente e universal* (LACAN, 1957-1958). Já o *sinthome* “é abordável em cada caso, singularmente” (MOREL, 2008, p. 8). Este seria, sendo breve, uma formação sintomática que teria a função de operar como barreira contra o incesto, em cuja base está o *gozo materno*, tendo-se presente que o sujeito só pode se constituir como sujeito de desejo com as garantias desta barreira.

Fiquei, por enquanto, com a hipótese que *ser mulher* poderia ter tido a função de *sinthome* para Laurence: *tornar-se mulher* sendo a condição para inserir-se numa vida desejante afirmativa (*Isto sou eu*) por sua função demarcadora do desejo materno. A única condição para ser alguém junto à mãe era poder sustentar um diálogo de mulher para mulher como a do encontro em que ele diz a ela o seu amor edípico,  *você está linda*, o que só podia chegar a ela desde um filho-filha, e que ela acaba tomando uma expressão em que se anima ao lhe responder  *você também está linda*.

O movimento de Laurence em sua *metamorfose* foi não só auto-terapêutico, possibilitador de uma condição em que se apropria de sua vida, por assim dizer, mas parece ter reavivado na mãe a sua libido, o seu desejo de viver, pois ela voltou a pintar e rompeu a relação amorfa com o marido. Num gesto significati-

vo, ela dá de presente a Laurence um pequeno quadro pintado por ela, como em retorno ao presente que ele dera para ela, no dia em que decidiu começar a travestir-se, pincéis para pintar feito de pelo de zibelina.

O seu desejo de ter a mulher que amava, Fred, assim como um filho com ela (e que ela abortara sem ele saber) só poderia se concretizar se esta pudesse ficar com ele e *aproveitar a vida, a nossa história, o nosso amor que nada e ninguém podem estragar*, como ele diz a ela. No que ela já tinha vivido, o custo de manter a relação com ele era excessivo, e ela lhe responde: *Não vou estragar a minha vida para você se encontrar*. O preço era, de fato, muito alto ao que parece principalmente devido ao estranhamento e rejeição social, embora fique a pergunta sobre a vida sexual deles. Mesmo dez anos depois, no entanto, parece haver um vivo erotismo no convívio dos dois e, em algumas falas, referências a terem feito sexo.

O avanço social rápido e visível de uma crescente liberdade para a diversidade de configurações sexuais, relacionais e familiares, nas culturas ocidentais, está começando a confrontar a clínica psicanalítica com a diversidade vislumbrada por Freud nos Três ensaios, e fortemente afirmada em suas descobertas sobre a natureza indeterminada *a priori* do sexual. Sempre que diminua “a inibição autoritária exercida pela sociedade [...]” afirma ele, referindo-se à homossexualidade, poder-se-á ver que “onde a inversão não é considerada um crime, ela corresponde plenamente às tendências sexuais de um número não negligenciável de indivíduos” (1905, p. 174). Com a evolução atual dos costumes, das leis e das mentalidades, no que Freud chamou de trabalho da cultura (*Kulturarbeitung*), apresentam-se hoje novos horizontes e novos desafios para a psicanálise na medida em que estas configurações se farão presentes para nós através das pessoas que buscam a nossa escuta e que nos levarão com certeza a um entendimento mais fino e sutil do sexual.

### **Totem and Taboo: a cultural counterpoint to errant sexual behaviors**

**Abstract:** As a starting point, the author uses Freud’s discovery that human sexuality is *a priori* indeterminate in its modalities and in its objects, allowing, from the very beginning, for incestuous relationships in the family circle or with the nearest relative. Hence, there inevitably comes the prohibition against incest as an essential way to organize sexual behavior, hinged upon the Oedipus complex that revolves around the issue of castration. The psychic structure arising therefrom leads to the construction of sexed identifications, of sexual orientation, and of the ideals of the self. The character in a recent movie, who wants to *be a woman*, although his sexual and affective desires are directed toward women, is the subject of debate, based on Lacan’s late conception of the *sinthome* as the way out of the Oedipus complex.

**Keywords:** Castration. Culture. Desire. Oedipus complex. Sexuality.

## Referências

- LAURENCE anyways.** Direção Xavier Dolan. Canadá: Imovision, 2012. 168 min.
- FREUD, S. (1905). **Trois essais sur la théorie sexuelle.** Paris: Gallimard, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1908). Des théories sexuelles infantiles. In: **Oeuvres complètes.** v. 8. Paris: PUF, 2007.
- \_\_\_\_\_. (1913). **Totem et tabou.** Paris: Gallimard, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1920). Au-delà du principe de plaisir. In: **Oeuvres complètes.** v. 15. Paris: PUF, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). L'organisation génitale infantile. In: **Oeuvres complètes.** v. 16. Paris: PUF, 1991.
- \_\_\_\_\_. (1931). De la sexualité féminine. In: **Oeuvres complètes.** v. 19. Paris: PUF.
- GRIBINSKI, M. Préface. In: FREUD, S. **Trois essais sur la théorie sexuelle.** Paris: Gallimard, 1987.
- LACAN, J. (1957-1958). **Le séminaire,** livre V, les formations de l'inconscient. Paris: Seuil, 1998.
- MOREL, G. **La loi de la mère:** essai sur le sinthome sexuel. Paris: Economica, 2008.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Luis Carlos Menezes  
Rua Deputado Lacerda Franco, 300/134  
05418-000 Pinheiros – SP – Brasil  
e-mail: luismzes@hotmail.com